HALEY, Jay, *Estrategias en Psicoterapia* (Versão espanhola de Victor H. Espinosa), Ediciones Toray, 1966, 246 p.

Jay Haley não é psiquiatra, psicólogo clínico ou psicanalista, mas, sim, analista de comunicação. Foi "Research Associate" do "Veterans Administration Hospital", de Palo Alto, e também do Departamento do Antropologia da Universidade de Stanford, e da "Palo Alto Medical Research Foundation". Atualmente investiga o tratamento de esquizofrênicos e grupos familiares, depois de exercer a psicoterapia breve e a de matrimônios. É "Research Associate" no "Mental Research Institute" e edita a revista "Family Process".

Êste livro foi escrito ao tempo em que o autor participava de um programa de investigação destinado a estudar a natureza da comunicação. O trabalho, que durou dez anos (de 1952 a 1962), investigou a comunicação do ponto de vista dos tipos lógicos de Russel e Whitehead. Prestou êle especial atenção às formas pelas quais as mensagens se qualificam entre si, originando o paradoxo do tipo russeliano.

Para Freud, a mudança que se observa no paciente através do processo de psicoterapia (câmbio terapêutico) é conseguida primordialmente mediante maior compreensão de si mesmo e de como as formas atuais de sentir se relacionam com o passado e as idéias não conscientemente admitidas. Diz o autor que, nos últimos anos, surgiram várias formas de terapia que não valorizam tanto a compreensão de si mesmo como Freud o desejaria. Para êle o que importa é que o paciente consiga uma mudança de conduta, e não aquela compreensão rápida (insight). A importância estaria mais na forma de relacionamento do indivíduo que em seus processos internos.

Haley tenta abordar cientìficamente as causas do "câmbio terapêutico" através do estudo dos diversos métodos de psicoterapia, tentando descobrir o que apresentam de comum, partindo do pressuposto de que em todos êles o paciente consegue modificar sua conduta visando a formas mais adaptadas. As descrições dêsses métodos focalizam aspectos do relacionamento paciente-terapeuta em têrmos de análise de comunicação, excluindo os processos subjetivos do paciente.

A vantagem de se estudar a psicoterapia em têrmos de conduta estaria em tornar-se êsse estudo mais objetivo, uma vez que a conduta é diretamente observável, ao passo que os processos intrapsíquicos são sempre conhecidos através da inferência.

O autor descreve então os sintomas, não como defesas contra idéias, mas como formas de relacionamento com outras pessoas. Do ponto de vista da comunicação, o sintoma representaria uma incongruência entre o nível de mensagem e o de metacomunicação: o paciente faz algo e indica que não pode deixar de fazê-lo. Por exemplo, no caso de um ato compulsivo, como lavar as mãos, êsse paradoxo se apresenta.

Descreve-se, no contexto da teoria interpessoal, o modo pelo qual o terapeuta induz o paciente a mudar e as estratégias empregadas pelos dois através do tratamento. Os vários métodos de psicoterapia são abordados sob o argumento geral de que a causa das mudanças observadas reside nos paradoxos terapêuticos; isto é, os paradoxos propostos pelo terapeuta ao paciente seriam comuns a todos êsses métodos. Logo, as várias formas de tratamento (psicanálise, psicoterapia diretiva, não-diretiva, familiar, etc.) podem diferir em têrmos de psicologia individual, mas, do ponto de vista da relação que estabelece entre terapeuta e paciente, seriam similares. A natureza do paradoxo que é proposto pelo terapeuta é estudada em relação aos vários métodos de tratamento atualmente empregados.

ANA MARIA DE TOLEDO PIZA RUDGE